

eleição
PRESIDENCIAL

RUY FABIANO

E-mail: ruy@cbdata.com.br

27 AGO 1997

União improvável

CORREIO BRAZILIENSE

O candidato Fernando Henrique já pode festejar: não há sinais de candidatura única oposicionista no horizonte. O PT, maior partido de oposição, decidiu que não há condições de se compor com PDT e PSB. O partido, dividido entre moderados e radicais, parte para sua convenção, no próximo domingo (31), correndo o risco do racha definitivo.

"Se os radicais vencerem, não seremos nós que estaremos deixando o partido, mas é o partido que nos deixará", resume o deputado Paulo Delgado (MG). Ele advertiu Lula para os efeitos políticos da radicalização, que resultará na entrega antecipada do poder às forças de centro-direita, representadas pela coligação PFL-PSDB.

A vitória radical reduz o arco de alianças à esquerda e garante a vitória eleitoral de Fernando Henrique. "Há um imenso espaço de centro-esquerda do qual o PT está abdicando. Se o partido recusar alianças e decidir disputar solitariamente as eleições, não terá chances", adverte Delgado. Lula não ignora tais ponderações.

Ele cansou-se de fazê-las. Can-

sou-se ao ponto de estar desistindo de disputar a Presidência da República. A decisão de transferir a missão para o ex-prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro, equivale a uma capitulação. Lula prefere capitular a presidir o racha petista. Sua candidatura, para os radicais, tornou-se sinônimo de guinada à direita. Como tal, tornou-se desagregadora.

Lula quer carta branca do partido para selar alianças de centro, atraindo lideranças como Itamar Franco, Brizola, Arraes, Jaime Lerner, Ciro Gomes, entre outros. A candidatura de José Dirceu à presidência do partido expressa esse ponto de vista. Dirceu é o favorito, mas sua margem de folga em relação ao adversário, o deputado Milton Temer (RJ), é estreita. Mesmo vitorioso, terá que fazer concessões.

A desistência de Lula, ainda não oficializada, pode ser o primeiro efeito (um efeito antecipado) das eleições do próximo domingo. Lula acha que Tarso Genro, liderança emergente — e por isso mesmo com poucas arestas internas —, terá mais condições

de contornar intransigências e, quem sabe, conduzir a ala radical para a tese da política de alianças. Lula não se dispõe a ser supervisionado pela ala xiita, que, não obstante sua folha corrida dentro do partido, passou a colocar sua conduta ideológica sob suspeita.

Paulo Delgado está atento ao esforço do senador Roberto Freire (PPS-PE) e do ex-ministro Ciro Gomes (PSDB) pela criação de um partido de centro-esquerda, que possa apresentar à sociedade uma proposta alternativa de poder, sem necessariamente ser uma proposta radical.

O ideal, diz ele, é que o PT seja o núcleo dessa articulação. É um partido já estruturado, com força, prestígio e tradição, apto a oferecer contraponto ao discurso oficial. Se os xiitas, porém, não cederem, a saída será criar uma outra legenda, o que é problemático, dada a premência dos prazos eleitorais.

Se nenhuma dessas hipóteses se concretizar, o jeito então é cruzar os braços e assistir Fernando Henrique passar a faixa a si mesmo em 1998. E aguardar dias melhores até 2002.